

A Universidade de Groningen e a organização ambiental local marcam os primeiros tubarões e raias em perigo crítico na África Ocidental



Numa estreia para a região, tubarões e raias extremamente ameaçados foram marcados e libertados por cientistas no Arquipélago dos Bijagós, ao largo da costa da Guiné-Bissau, na África Ocidental. O principal objetivo da expedição era determinar a razão pela qual estas espécies utilizam as águas pouco profundas do arquipélago. Durante a expedição de quatro semanas, uma equipa de investigadores da Universidade de Groningen (Países Baixos) trabalhou em colaboração com conservacionistas locais do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP) e pescadores locais para colocar transmissores de satélite em peixes-viola em perigo crítico de extinção. Além disso, a equipa estudou várias espécies de tubarões ameaçadas, tais como tubarão-martelo, tubarão-touro e tubarão-de-pontas-pretas, de forma a recolher dados fundamentais para apoiar a proteção destas espécies no arquipélago e em toda a região.

Peixes extremamente ameaçados

De acordo com as últimas estimativas, aproximadamente 31% de todas as espécies de tubarões e raias do mundo estão atualmente ameaçadas de extinção. Na região da África Ocidental, espécies como a viola-barba-negra e o tubarão-martelo-recortado encontram-se neste momento na categoria mais precária da lista internacional de espécies ameaçadas: Em perigo crítico de extinção. "Receamos que estas espécies de tubarões e raias possam desaparecer do Arquipélago dos Bijagós, ou mesmo de toda a região da África Ocidental, tal como aconteceu com os peixes-serra" afirma Emanuel Dias, o Diretor do Parque Nacional de Orango nos Bijagós. Dias acrescenta: "A organização para quem trabalho, o Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP), tem planos de gestão para os parques nacionais dos Bijagós, mas nós vemos que a pesca por barcos de outros países está a ameaçar tubarões e raias tanto dentro como fora dos parques. O arquipélago dos Bijagós é uma grande área e controlar a pesca é um grande desafio. Por isso, a investigação sobre tubarões e raias é importante para garantir que podemos proteger estas espécies de forma mais eficaz".

Valor socio-cultural dos tubarões e raias

Os tubarões e as raias têm desempenhado um papel histórico importante nas cerimónias culturais e celebrações das comunidades Bijagó locais na Guiné-Bissau. Estas comunidades habitam 20 das 88 ilhas do arquipélago, e todas as ilhas são delimitadas por densas florestas de mangal, extensas planícies de areia e lama, e estão conectadas através de um complexo sistema de canais de maré. Durante as

cerimónias tradicionais, as comunidades Bijagó usam trajes inspirados em tubarões, com máscaras e barbatanas que se assemelham a tubarões-martelo ou peixes-serra, e em algumas aldeias é possível encontrar edifícios com a forma de peixes-serra. Os peixes-serra - um grupo de espécies de raias de grande dimensão - que outrora eram comuns na região, são agora considerados extintos na África Ocidental. O Arquipélago dos Bijagós foi um dos últimos locais onde estas espécies podiam ser encontradas na região.



A primeira vez que uma viola-barba-negra criticamente em perigo é libertada com um transmissor-satélite. Esta fêmea adulta chamada Aissa (nome da gestora do projeto do Instituto da Biodiversidade da Guiné-Bissau) ajudará os cientistas a estudar a forma como estas espécies extremamente ameaçadas utilizam as águas da África Ocidental. *Fotografia: Maarten Zwarts/University of Groningen.*

Monitorização do peixe-viola

Na sua expedição mais recente, uma equipa liderada pela Universidade de Groningen (Países Baixos) e apoiada pelo IBAP e pescadores locais - conseguiu capturar, amostrar e libertar em segurança mais de 50 tubarões e raias pertencentes a dez espécies diferentes. O maior êxito? "Implantar os primeiros transmissores de satélite na viola-barba-negra em perigo crítico e alcançar este marco em estreita colaboração com os pescadores locais. Eles sabem o quão importante estas espécies são para a cultura Bijagó" explica [Guido Leurs](#), líder da expedição e investigador de tubarões. Leurs acrescenta: "Com base nas nossas pesquisas ao longo dos últimos anos, constatámos que esta espécie está em rápido declínio na região. Estes transmissores permitir-nos-ão seguir e monitorizar estes animais em segurança durante quase um ano, o que por sua vez nos permitirá mapear os locais para onde estes animais migram e a forma como interligam diferentes áreas naturais na região. Esta informação é fundamental para as nossas organizações parceiras locais, como o IBAP, de forma a melhorar a proteção destas espécies ao longo das suas migrações e durante o seu ciclo de vida. Neste momento, não temos qualquer ideia para onde se deslocam estes animais".

Um futuro para os tubarões na África Ocidental

Num outro avanço empolgante, a equipa descobriu também uma possível área de berçário para espécies de tubarões recém-nascidos, incluindo o ameaçado tubarão-martelo-recortado. "Pensamos que os tubarões-martelo-recortados utilizam zonas costeiras pouco profundas como os Bijagós durante as primeiras fases de vida e, assim que crescem, deslocam-se para o mar aberto. O problema é que

quando estes tubarões deixam os Bijagós, podem ser ameaçados pela pesca industrializada que opera fora dos limites dos parques nacionais. Queremos descobrir o quão grande é esse risco para eles", afirma Leurs. Ele conclui: "Estamos orgulhosos das nossas equipas por trabalharem em conjunto para alcançar resultados de conservação que beneficiem as comunidades locais, bem como estes ecossistemas vulneráveis que são indispensáveis para muitas espécies marinhas e terrestres".



Um tubarão-martelo-recortado criticamente em perigo recebe água do mar fresca para permitir que o tubarão respire durante o curto procedimento. Os cientistas recolhem amostras minúsculas de tecido, e atribuem ao tubarão uma etiqueta com um número de identificação único. Isto permite aos investigadores acompanhar os movimentos e o crescimento do animal ao longo do tempo. O procedimento demora aproximadamente cinco minutos, após os quais o tubarão é libertado em segurança de volta à água.

Fotografia: Maarten Zwartz/University of Groningen.